

## **Cartas: uma possibilidade reflexiva na formação inicial em Licenciatura em Artes Visuais**

***Letters: a reflective possibility in initial training in the Visual Arts Graduation Course***

***Cartas: una posibilidad reflexiva en la formación inicial en una Licenciatura en Artes Visuales***

Ananda Guimarães Alcântara <sup>1</sup>  
Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil.

Tharciana Goulart da Silva <sup>2</sup>  
Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil.

### **Resumo**

Este artigo discute como as cartas podem potencializar a formação docente inicial em Artes Visuais. Assim, parte de um levantamento bibliográfico de cartas de artistas e experiências no projeto “Trocas poético-pedagógicas: correspondências entre estudantes de Licenciatura de Artes Visuais da USP e da UDESC”. Baseado em Freire (1997; 2015) e Salles (1998), percebe-se que tal escrita viabiliza a sistematização do pensamento, a revisão, a organização e o desenvolvimento criativo na prática docente.

**Palavras-chave:** licenciatura em artes visuais; formação docente inicial; cartas; registros.

### **Abstract**

*This article discusses how letters can enhance initial teacher training in Visual Arts. Thus, it is based on a bibliographic survey of letters from artists and experiences in the project “Poetic-pedagogical exchanges: correspondence between undergraduate*

---

<sup>1</sup> Mestrado em andamento em Artes Visuais.. Universidade do Estado de Santa Catarina. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4470454530234405>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-2358-0809>. Contato: [anandagui54@gmail.com](mailto:anandagui54@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutorado em Artes Visuais. Universidade do Estado de Santa Catarina. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6262703963941419>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2393-5303>. Contato: [tharcianagoulart@gmail.com](mailto:tharcianagoulart@gmail.com)



*students in Visual Arts at USP and UDESC". Based on Freire (1997; 2015) and Salles (1998), it is clear that such writing enables the systematization of thought, revision, organization and creative development in teaching practice.*

**Keywords:** *visual arts graduation course; initial teacher training; letters; records.*

### **Resumen**

*En este artículo se analiza cómo las letras pueden potenciar la formación docente inicial en Artes Visuales. Así, forma parte de un levantamiento bibliográfico de cartas de artistas y experiencias en el proyecto "Intercambios poético-pedagógicos: correspondencia entre estudiantes de la Licenciatura en Artes Visuales de la USP y la UDESC". Con base en Freire (1997; 2015) y Salles (1998), es claro que dicha escritura posibilita la sistematización del pensamiento, la revisión, la organización y el desarrollo creativo en la práctica docente.*

**Palabras clave:** *licenciatura en artes visuales; formación docente inicial; cartas; registros.*

## **1 O REGISTRO EM CORRESPONDÊNCIAS: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES**

A carta é um meio de registro que permite a comunicação e que revela aspectos do cotidiano, interesses e pensamentos. Com o passar do tempo, esse instrumento perdeu parte de sua usabilidade, porém foi amplamente usado ao longo da história, seja para carregar mensagens de cunho oficial ou pessoal. No meio artístico, não foi diferente: as cartas foram utilizadas para compartilhar os processos criativos, os interesses estéticos, as reflexões sobre os modos de ver o mundo, de articular a arte e a vida. Assim, atualmente, podemos olhar para estes registros enquanto fontes bibliográficas, "[...], onde, torna-se possível também aprender sobre técnicas e procedimentos em Arte" (SILVA; WOSNIAK, 2015, p. 16).

Partindo do reconhecimento da potencialidade das cartas como meio de comunicação e processo de registro artístico, foi realizada a pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso intitulada "Diários e cartas: a contribuição do registro no processo de formação docente", cuja a autora e a orientadora são, respectivamente, as pessoas que escrevem este artigo. O trabalho foi defendido em 2024 no curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e teve como questão central: Como os instrumentos de registro, tais como diários e cartas, podem auxiliar e potencializar o processo de formação docente inicial?. Com o objetivo de

difundir a pesquisa, este texto centra-se apenas nas cartas, reformulando a reflexão inicial para: Como as cartas enquanto instrumento de registro podem auxiliar e potencializar o processo de formação docente inicial?

Para abordar esta problemática, parte-se de uma pesquisa teórica sobre as cartas de artista, os quais foram selecionados a partir da regularidade, conteúdo e esteticidade que circundam seus registros. A pesquisa abordou como referencial Vincent Van Gogh, Henri Matisse, Alfred Joseph Frueh, Lygia Clark e Hélio Oiticica, e notou-se que em suas cartas são coletadas pistas sobre as singularidades de cada artista e como este recurso é apropriado de forma distinta por cada um deles. Em seguida, apresenta-se as experiências de participação do projeto “Trocas poético-pedagógicas: correspondências entre estudantes de Licenciatura em Artes Visuais da USP e da UDESC” o qual foi realizado no âmbito da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado III, a qual a primeira autora deste texto atuou como monitora, e a segunda autora, como professora e uma das propositoras do projeto junto da professora Sumaya Mattar (USP). Por meio deste projeto, tornou-se possível refletir sobre como os diálogos estabelecidos entre estudantes de graduação de diferentes universidades, e futuros professores, pode contribuir no processo de formação docente inicial. Assim, a metodologia desta pesquisa teve como base uma investigação bibliográfica, tanto das escritas localizadas em cartas de artistas, quanto de autores que discutem a questão do escrever e dialogar, e uma coleta de dados a partir de uma proposição pedagógica vivenciada por umas das autoras.

Por fim, conclui-se que as cartas de artista permitem um olhar para o contexto e pesquisas destes indivíduos, possibilitando um adensamento acerca de suas produções. Quando este recurso é utilizado por professores em formação, viabiliza a sistematização e o aprofundamento acerca da observação das questões que atravessam a prática docente, sejam estas os conflitos, os dilemas, o contexto em que se atua, as dinâmicas presentes em sala de aula, ou, ainda, as escolhas metodológicas. Tais elementos ao serem observados e registrados tornam-se mais perceptíveis, passíveis da reflexão desencadeada pelo próprio processo de escrita.

## 2 VISLUMBRE DE UM MUNDO PESSOAL A PARTIR DA ESCRITA DE CARTAS DE ARTISTAS

As cartas são rastros, “[...] vestígios deixados por artistas [que] oferecem meios para captar fragmentos do funcionamento do pensamento criativo.” (SALLES, 1998, p. 19). Logo, ao ler uma carta, pode-se ter uma maior compreensão acerca da pessoa que a escreveu, e no caso dos artistas, para além disso, é possível perceber as etapas do seu processo criativo, onde surgiu a ideia de tal obra, como se deu o seu desenvolvimento, as escolhas que foram feitas, os erros e acertos que atravessam esse processo e como isso influenciou um trabalho final (SALLES, 1998).

Nas cartas escritas por artistas, apesar dos assuntos serem os mais diversos, algo se mantém constante: nas entrelinhas da escrita é possível observar aquilo da vida pessoal que afeta o desenvolvimento dos processos artísticos e poéticos.

A feitura e a leitura de uma carta se iniciam no envelope, suporte o qual acomoda a correspondência, local onde encontram-se os dados do remetente e do destinatário. No entanto, o espaço do envelope pode carregar mais informações, pois pode receber intervenções que revelam uma identidade visual, traços de seu remetente.

Artistas como Van Gogh (1853-1890) e Matisse (1869-1954), em suas respectivas práticas de escrita de cartas, intervinham nos envelopes. Como mostrado na imagem abaixo (Figura 1), os elementos de cor e gesto assemelham-se com as obras destes artistas, demonstrando uma estética própria. A partir da análise desses envelopes, também é possível refletir sobre as relações estabelecidas entre remetente e destinatário, visto que, com as intervenções realizadas em tal suporte, observa-se certo cuidado com a realização de pinturas e desenhos, o que sugere um teor de proximidade entre os correspondentes.

**Figura 1: Da esquerda para direita - envelope de carta de Van Gogh de 1883 e envelope de carta de Matisse de 1941-54.**



Fonte: <https://www.vangoghletters.org/vg/letters/let322/letter.html> e <https://correio.ims.com.br/meu-coracao-esta-com-voce-de-matisse-para-rouveyre-por-mariana-newlands/>. Acesso em: 26 out. 2024.

Já o cartunista e ilustrador Alfred Joseph Frueh (1880-1968), enxergava na elaboração de suas cartas, para além da escrita, um espaço tridimensional possível. Ele considerava a carta como suporte viável para representação da materialização física de um lugar. Enquanto trabalhava longe de casa, o artista enviou diversas cartas para sua esposa, Giuliette Faciulli. Na ocasião da carta aqui apresentada, Alfred esperava a visita de sua esposa em Paris, onde planejavam conhecer galerias de arte. Tal correspondência foi organizada e pensada para que através de cortes, colagem e dobras, esta pudesse adentrar o plano tridimensional.

O objeto é considerado uma missiva pelo fato de portar a escrita de relatos pessoais; no entanto, havia outro propósito para aquilo, quando aberto. Frueh, na verdade, enviou para Giuliette Fanciulli a sua própria galeria de arte. Objeto tridimensional. Composto por retângulos que formavam duas salas. Em seu interior, várias pequenas reproduções de obras de arte emolduradas e afixadas nas paredes listradas. Na porta aberta, segue o recado "THIS WAY IN". Se do lado de dentro, desfrutava-se de uma espécie de vivência simulada da ambiência artística; do lado de fora, o texto da missiva contornava com palavras as paredes de sua pequena galeria. (CAETANO, 2017, p. 160)

Figura 2: Carta de Alfred Joseph Frueh para sua esposa Giuliette Facciulli, janeiro de 1913.



Fonte: [https://www.si.edu/object/alfred-joseph-frueh-giuliette-facciulli%3AAAADCD\\_item\\_1915](https://www.si.edu/object/alfred-joseph-frueh-giuliette-facciulli%3AAAADCD_item_1915). Acesso em: 07 out. 2024.

Com a criação deste espaço-carta e através dessa estrutura de papel, Alfred buscava proporcionar à sua esposa certa aproximação com as galerias de arte parisienses. A galeria criada pelo artista conta com uma entrada acompanhada por um aviso: “*leave your hats and umbrellas at home*”, que em tradução significa “deixem seus chapéus e guarda-chuvas em casa”. Há também duas salas de exposição com obras variadas e suas paredes externas são o suporte do conteúdo textual desta carta.

Referente ao contexto brasileiro, destacam-se as cartas trocadas entre Lygia Clark e Hélio Oiticica (1937-1980). Essas cartas, para além de uma correspondência entre artistas, também configuram uma troca entre amigos que revela atos de afetos, bem como questões do contexto histórico-político brasileiro entre as décadas de 60 e 70, correspondente a ditadura. No livro *Lygia Clark - Hélio Oiticica: Cartas* (1998), estão organizadas as correspondências trocadas entre os dois artistas do ano de 1964 a 1974. Na introdução da publicação, Luciano Figueiredo, organizador da obra, discorre acerca do que o motivou a ordenar tal livro:

Decidi organizar a correspondência mantida entre Lygia Clark e Hélio Oiticica entre os anos de 1964 e 1974 e publicá-la, por considerar que os pensamentos e as reflexões dedicadas um ao outro constituem prova eloquente da admiração muito profunda que artistas podem, por vezes, nutrir uns pelos outros. Um tipo raro de amor, portanto, este que se manifesta pelo reconhecimento e solidariedade à luta artística do outro, ao seu progresso criativo e à intensidade de busca que cada um se determina nas questões da arte. Podemos sentir neste conjunto de 40 cartas que Hélio Oiticica e Lygia Clark guardavam e trocavam o melhor de si para a confiança exclusiva ao outro. (FIGUEIREDO, 1998, p. 16)

Tal admiração se torna clara ao ler as cartas. Os amigos e colegas de profissão constantemente conversavam sobre os seus processos artísticos, questões profissionais, acontecimentos do cotidiano e reflexões acerca dos mais variados assuntos. Muitas foram as vezes que os artistas falaram de elementos que atravessavam suas pesquisas e produções artísticas nas cartas. Trazendo questões sobre o tempo e espaço, a participação do espectador e projetos em desenvolvimento.

Por exemplo, quando estava em Paris, Lygia Clark escreveu para Hélio que “O tempo é o novo vetor da expressão do artista. Não o tempo mecânico, é claro, mas o tempo vivência que traz uma estrutura viva em si. Sinceramente eu tenho certeza de que os *Bichos* são isto, sem modéstia e sem exageros. O teu trabalho idem. Quanto ao resto, só Deus sabe...” (CLARK, 1998a, p. 35). Ou quando, em outubro de 1968, ainda em Paris, afirma que

Para mim o objeto, desde o *Caminhando*, perdeu o seu significado, e se ainda o utilizo é para que ele seja o mediador para a participação. As luvas sensoriais por exemplo são para dar a medida do ato e também o milagre do gesto na sua espontaneidade que parece esquecida. Em tudo que faço há realmente necessidade do corpo humano que se expressa, ou para revelá-lo como se fosse uma experiência primeira. (CLARK, 1998b, p. 61)

Também se observa tal elemento na escrita de Hélio quando ele, em junho de 1971, em Nova Iorque, escreve a Lygia sobre onde estava morando:

O *loft* aqui está ficando legal: construí seis Ninhos para viver; também um troço que tem dois níveis, e por onde se entra para o de baixo, por cima; [...] está tudo no começo, mas quero criar um lugar tão complicado-complexo que seja um mundo, sem móveis e essa coisa chata de apartamento, etc.; (OITICICA, 1998b, p. 199)

A partir desses trechos, notam-se diversos aspectos sobre como esses artistas se relacionavam com a arte, além de elementos relevantes para compreensão de seus

trabalhos. Percebe-se a importância que a participação do espectador ocupava para Lygia, bem como o quão intrínseca a arte era ao cotidiano de Hélio. Esses registros permitem aprofundar a percepção acerca das obras desses artistas, revelam os vínculos estabelecidos entre eles e suas pesquisas no momento em que estas estavam sendo desenvolvidas.

Para além de questões profissionais, aquilo que era pessoal de cada um era presente, característica da escrita epistolar, gênero textual que se volta à correspondência (cartas, bilhetes e *e-mails*). Como qualquer outra dupla de amigos, compartilhavam o que era rotineiro, o que estavam sentindo, do que gostavam, suas vontades e seus receios. Observa-se tais elementos quando Hélio em carta escrita, em 1970, confidenciou a Lygia:

[...] não sei, mas me cansa essa coisa de as pessoas se assumirem importantes quando não estão com nada; aliás, mesmo que estivessem; mas o que ouço mais é falatório: tenho planos disso e daquilo e nada se vê, a não ser "cavar" dinheiro quando precisam, sem dar nada, sem propor nada; chega, isso tudo me cansa; não que seja imprescindível sempre propor algo ou mesmo fazer, mas o que há é que só funciona um lado: sugar quando precisa e nunca dar quando pode; assim realmente não dá pé; pobreza interior, vazio-vazio, etc.; realmente é preferível a solidão à convivência pobre; (OITICICA, 1998a, p.173)

Lygia, ao responder esta carta, inicia a escrita de tal modo:

Meu querido! Sua carta como sempre foi para mim um enorme prazer. Você ainda é das pouquíssimas pessoas que admiro realmente como um grande artista e também como personalidade. A mediocridade é quase total e às vezes me sinto falando num deserto e já não tenho a mínima comunicação com artistas como Camargo e parece que somos de outro planeta, tal é o desencontro em tudo que toca à arte e também evidentemente à vida. (CLARK, 1998c, p. 177)

Posteriormente, a artista ainda acrescenta:

Mande para mim a capa da Gal em que entra uma foto do meu trabalho e também gostaria de escutá-la, pois a dizem genial. Para mim o rei é o Jorge Ben mas existe ainda Caê e Gil e Paulinho da Viola e ainda Roberto Carlos... Quanta gente boa em música; é fantástica a música brasileira! (CLARK, 1998c, p. 181)

Com tais trechos, torna-se evidente a relação próxima estabelecida entre Lygia Clark e Hélio Oiticica. Entrar em contato com aspectos da vida pessoal e do cotidiano desses artistas, tais como os que aparecem nos recortes acima, permite uma maior aproximação para com suas produções e o entendimento de questões que as

atravessam.

Observa-se a partir das cartas e pontos apresentados, que em um geral artistas se utilizavam da carta como qualquer outro indivíduo, porém nestes suportes também enxergavam um espaço para narrar sobre suas pesquisas artísticas. Na escrita de suas cartas, mesmo que não falassem diretamente de suas produções, é possível perceber nas entrelinhas aquilo que de forma indireta pode influenciar o processo criativo, afinal este pertence ao cotidiano desses indivíduos.

Ao escreverem sobre suas produções artísticas para amigos, familiares ou até mesmo outros artistas e indivíduos pertencentes ao mundo da arte, o desejo de falar sobre seu processo torna-se perceptível. No livro *Gesto Inacabado*, Cecilia Almeida Salles (1998, p. 45) discorre acerca de tal aspecto ao comentar a relação que se estabelece entre o artista (remetente) e o *leitor particular* (destinatário). A autora afirma que:

O destino dos comentários dos leitores particulares fica, muitas vezes, incerto mas a relevância para o criador, naquele momento, pelos atos de falar sobre a obra ou de mostrá-la é certa. Esses leitores, por vezes, mostram poder em relação à obra em construção, na medida em que as suas observações são acolhidas pelo artista. Outras vezes, desempenham só o papel de um acompanhante do percurso.

Tavora (2022) também contribui com essa relação que se estabelece entre quem escreve e quem lê, afirmando que a carta apesar de aproximar ambos os indivíduos, também provoca um distanciamento, permitindo que o leitor vislumbre aquilo que talvez o autor não tenha percebido. Desse modo, é a partir dessas trocas, que novos caminhos a serem seguidos em uma produção artística surgem, ao mesmo tempo em que configuram um espaço destinado a partilha, onde não necessariamente o artista busca auxílio ou apontamentos acerca do que produz.

Com o que foi apresentado dos artistas citados, nota-se que suas respectivas práticas de escrita revelam sobre seus processos artísticos, seja através do próprio texto ou pela maneira como a carta é organizada e construída. Enquanto lugar para diálogos cotidianos, a carta também é espaço para se falar daquilo que atravessa o dia a dia. Assim, cartas tornam-se documentos, espaços para estudos e pesquisas sobre artistas e suas criações, onde os leitores têm a possibilidade de estabelecer uma percepção mais integral sobre as investigações realizadas pelos artistas, mas que pode, além disso, perceber os meandros da arte e da vida.

### 3 CARTAS COMO POSSIBILIDADE REFLEXIVA NA FORMAÇÃO DOCENTE INICIAL

De acordo com o *Dicionário Paulo Freire* (2010), o educador denomina as cartas que são voltadas a discutir questões da docência e educação de *cartas pedagógicas*, pedagógicas porque, para ele, a maneira como educadores atuam no mundo, intrinsecamente, se dá de forma pedagógica. Freire (2015, p. 70) em carta destinada aos professores, afirma:

Pensando na relação de intimidade entre pensar, ler e escrever e na necessidade que temos de viver intensamente essa relação, sugeriria a quem pretenda rigorosamente experimentá-la que, pelo menos, três vezes por semana, se entregasse à tarefa de escrever algo. Uma nota sobre uma leitura, um comentário em torno de um acontecimento de que tomou conhecimento pela imprensa, pela televisão, não importa. Uma carta para destinatário inexistente.

Observa-se a importância dada por Paulo Freire à escrita, especialmente a escrita de cartas, mesmo que essas não sejam entregues a alguém. Mas por que uma carta? O que difere uma carta de qualquer outro texto? Escrever uma carta implica, como já visto, em uma escrita pessoal, quase que confessional, a qual possibilita sistematizar reflexões e questionamentos íntimos, e com isso, possibilita racionalizar o que se sente e pensa, assim podendo vislumbrar soluções e/ou caminhos a serem seguidos a partir desse processo.

A escrita é necessária para que aquilo que se está pensando seja de alguma forma sistematizado, ou seja, a carta é uma possibilidade reflexiva que pressupõe diálogo (mesmo que imaginário). Assim, a escrita sobre si torna-se fundamental ao professor, porque ao registrar suas vivências, vontades, medos e questionamentos, este pode desenvolver um olhar distanciado de sua prática pedagógica e formação docente, percebendo o que o compõe como indivíduo.

Escrever uma carta é algo sensível e íntimo, requer abertura e entrega. O processo de escrever sabendo que alguém irá ler afeta diretamente a forma como se comunica, ou seja, a própria estruturação e “montagem” do pensamento. Atualmente a comunicação é um processo rápido, aplicativos de trocas de mensagem permitem que isso ocorra de forma instantânea, chamadas de vídeos são cada vez mais

facilitadas e estão presentes em dispositivos móveis, por isso, quando se trata de comunicação na contemporaneidade, a carta enviada por correio tende a ser um dos últimos recursos explorados.

O tempo de escrita, recebimento e leitura de uma carta é único, e geralmente lento. Apesar de ter perdido sua exclusividade de comunicação nos dias atuais, as cartas voltaram a ser utilizadas como ferramenta justamente pelos mesmos motivos. Ou seja, o tempo lento de envio e retorno que é estabelecido na correspondência torna-se atrativo nos dias de hoje onde tudo é urgente. E além do mais, a carta, como nos indica Tavora (2022, p. 24), “[...] arrasta consigo amostras e sinais de vida [...]”, como por exemplo o gesto da caligrafia, um borrão de tinta, o toque do papel, o envio de objetos e imagens e/ou fotos junto ao texto, ou ainda mesmo, o perfume de quem a escreve, elementos os quais uma mensagem de texto não irá possuir.

O escrever de uma carta, é um processo que implica cuidado e zelo, tanto por parte de quem a envia, quanto por quem a recebe. Tal cuidado se observa na maneira como o diálogo, conceito tão importante dentro da obra de Paulo Freire, é estabelecido na troca de correspondências. É um diálogo que “[...] exerce a amorosidade, pois só escrevemos cartas para quem, de alguma forma, nos afeta, nos toca emotivamente, cria vínculos de compromisso.” (VIEIRA, 2010, p. 65).

#### **4 EXPERIÊNCIA NO PROJETO “TROCAS POÉTICO-PEDAGÓGICAS: CORRESPONDÊNCIAS ENTRE ESTUDANTES DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS DA USP E DA UDESC”**

Para relatar a experiência de participação nesta proposição pedagógica, este subtítulo será escrito em primeira pessoa, pois aborda as vivências da primeira autora. Minha participação no projeto esteve relacionada à aproximação com a temática da pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que estava sendo construída, e também, pelo fato de ser monitora da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado III.

O projeto “Trocas poético-pedagógicas: correspondências entre estudantes de Licenciatura em Artes Visuais da USP e da UDESC” foi pensado e organizado pelas professoras Dra. Tharciana Goulart da Silva, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e Dra. Sumaya Mattar, da Universidade de São Paulo (USP), e

envolveu a troca de correspondência dos alunos das disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado III (UDESC) e Metodologias do Ensino das Artes Visuais II com Estágio Supervisionado (USP). O principal objetivo era proporcionar, por meio da escrita e leitura de cartas, uma oportunidade onde os estudantes pudessem entrar em contato com os diferentes contextos de ensino das universidades, compreendendo as realidades que permeiam as atuações de estágio desenvolvidas nas disciplinas dessas instituições, localizadas em Florianópolis (SC) e São Paulo (SP), e ao mesmo tempo viabilizando um espaço para que o estudante se atentasse às próprias experiências, assim assumindo uma participação ativa dentro do projeto.

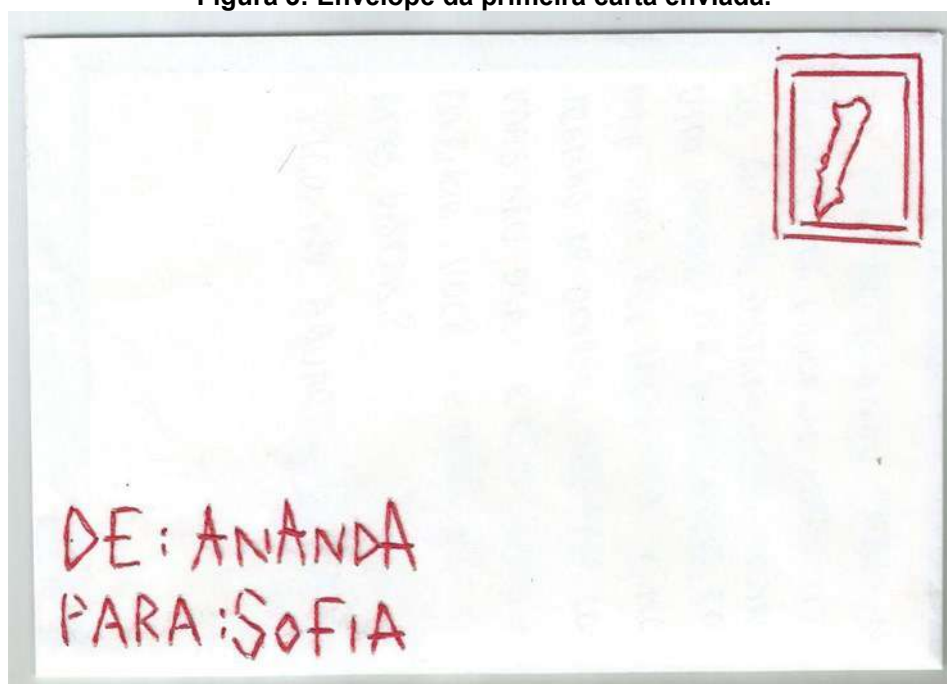
Para a produção dessas cartas, algumas referências, tanto visuais quanto textuais, foram trabalhadas em aula. Cartas de artista foram apresentadas como referência visual, tais como as cartas de Vincent Van Gogh, Frida Kahlo, Lygia Clark, Matisse, Cândido Portinari, e a série *Cartas de Areia* de José Rufino. As referências textuais, compunham as recomendações de textos complementares da disciplina, onde se encontravam as cartas de Paulo Freire aos professores, de Lygia Clark para Hélio Oiticica e por fim de Sol LeWitt à escultora Eva Hesse. Todo esse conjunto de referências, servia como guia do que poderia ser realizado pelos estudantes na produção de suas próprias cartas, visto que para além da escrita, a ideia era que também pudessem ser trocadas imagens, gravuras, fotografias, pinturas, desenhos, objetos, coletas, entre outros, promovendo uma articulação entre a prática artística e pedagógica. O projeto previu a troca de seis cartas, três enviadas pelos estudantes da UDESC e três pelos estudantes da USP.

A primeira carta foi enviada pelos estudantes da UDESC. Acerca da pessoa com quem iria me corresponder, sabia apenas o seu nome e que também era monitora na USP. Foi interessante escrever uma carta à alguém que conhecia tão pouco sobre, de princípio tive a sensação de falar sozinha, até receber a primeira resposta.

Desde o primeiro momento, decidi que iria criar intervenções nos envelopes na tentativa de desenvolver uma estética que causasse curiosidade e também transparecesse o meu carinho ao elaborar aquela carta. Desse modo, na primeira carta trabalhei com o bordado, com linha vermelha bordei no papel do envelope o remetente e destinatário (Figura 3) em uma tentativa de produzir um “selo” com o formato da Ilha de Florianópolis, onde me localizo. Já na segunda carta, realizei um desenho, com marcadores à base d'água e caneta esferográfica (Figura 4).

É interessante apontar que este momento de elaboração das cartas foi também marcado pela oportunidade de estabelecer um processo criativo. Ao mesmo tempo em que se discutia questões referentes à arte e o ensino das artes visuais nas correspondências trocadas, também foi viabilizado um espaço para o desenvolvimento de novas produções por parte dos estudantes, ou até mesmo a troca de trabalhos que já estavam finalizados, como desenhos, pinturas, gravuras e cerâmicas. Assim percebe-se que “A formação do professor de Arte tem, portanto, este caráter peculiar de lidar com as complexas questões da produção, da apreciação e da reflexão do próprio sujeito, o futuro professor, e das transposições das suas experiências com a Arte para a sala de aula com seus alunos”. (COUTINHO, 2019, p. 176)

**Figura 3: Envelope da primeira carta enviada.**



Fonte: Arquivo da autora, 2024.

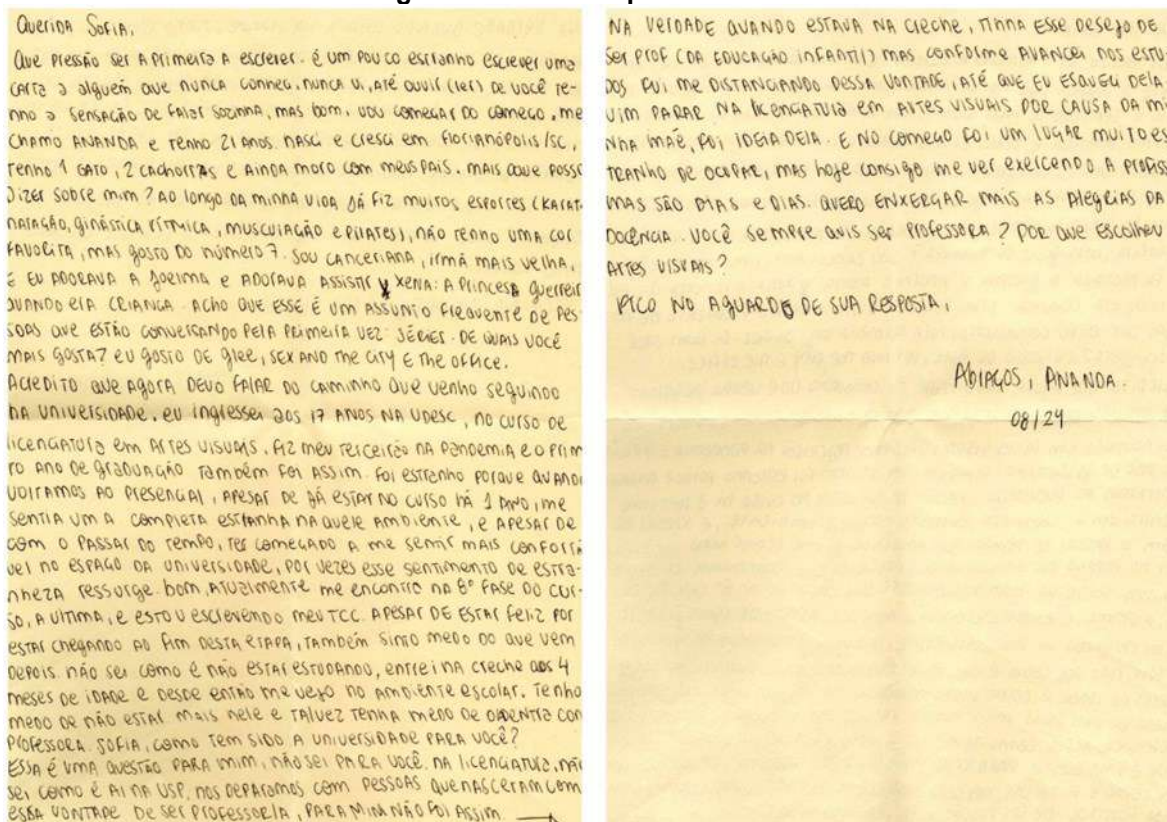
**Figura 4: Envelope da segunda carta enviada.**



Fonte: Arquivo da autora, 2024.

Tendo apresentado a questão dos envelopes, passo à escrita das cartas. É importante comentar que cada uma das cartas que foram enviadas tinham um tema pré-estabelecido, o qual deveria ser abordado na escrita, mas esta não precisava se limitar a este. Assim, o tema da primeira carta era: apresentação de si, apresentação do percurso na universidade e perguntas. Antes da correspondência ser enviada, quem quisesse podia compartilhar sua escrita em sala com os colegas.

Figura 5: Escrita da primeira carta.



Fonte: Arquivo da autora, 2024.

Não ter um rosto para atribuir ao nome do destinatário foi algo que contribuiu para eu me sentir à vontade para falar aquilo que de certa forma é pessoal. Com minha correspondente, falei sobre quem sou, do que gosto, com quem moro, contei sobre como foi cursar o último ano do ensino médio e o primeiro ano de faculdade durante a pandemia, a distância que esse fato criou entre mim e o curso, em que etapa me encontro na graduação, os medos que atravessam este momento e como me sinto em relação a docência atualmente.

Quando escrevi a segunda carta, já havia recebido a resposta<sup>3</sup> da primeira que havia enviado, e apesar disto tornar o processo de escrita mais fácil de ser iniciado, percebi que também o torna mais demorado, visto que para além de responder o que foi questionado pelo correspondente, você também quer contar coisas novas, fazer outros questionamentos. Nessa segunda vez, as cartas deveriam discorrer sobre as escolas que os estagiários estavam realizando suas observações, e como eram as

<sup>3</sup> Optei por não trazer as cartas de minha correspondente para manter sua privacidade, respeitando sua intimidade.

turmas em que iriam realizar as atuações. Como estava atuando como monitora na disciplina, não poderia falar de uma escola em específico, assim escolhi falar acerca das minhas experiências passadas de estágio e sobre a minha pesquisa de TCC, ao mesmo tempo em que respondia o que me havia sido perguntado.

**Figura 6: Da esquerda para direita - Capa da segunda carta e zine que foi enviada em conjunto desta.**

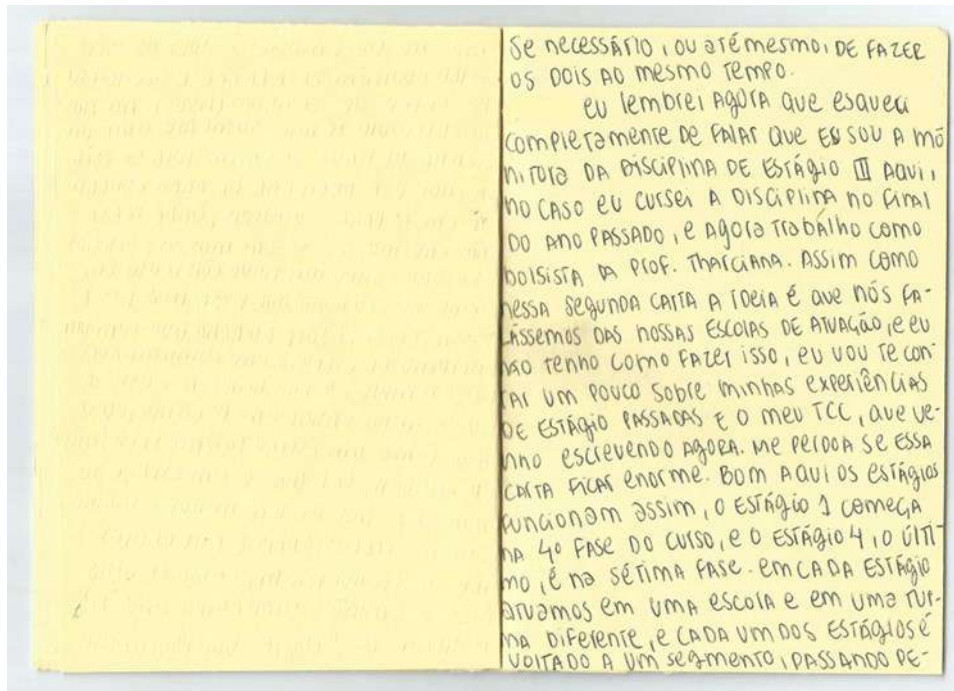


Fonte: Arquivo da autora, 2024.

Para a escrita dessa carta, produzi manualmente um caderno de tamanho A6. Pensei nesse suporte porque como contaria sobre minha pesquisa de TCC, percebi que escrever desta forma poderia ser interessante, visto que no trabalho abordo a questão dos diários, e que apesar dessas duas escritas (diários e cartas) diferirem, elas também possuem similaridades. Para além da carta, também enviei uma zine (na imagem acima ela aparece desdobrada), a qual era composta por cartas de artista que encontrei durante minha pesquisa. As cartas que escolhi compartilhar com minha correspondente foram as de Lygia Clark, Picasso, Lucian Freud e Alfred Joseph Frueh. Além disso, quando dobrada, na capa e contracapa da zine, se encontravam envelopes de cartas produzidos por Van Gogh e Matisse. A seguir trago imagens

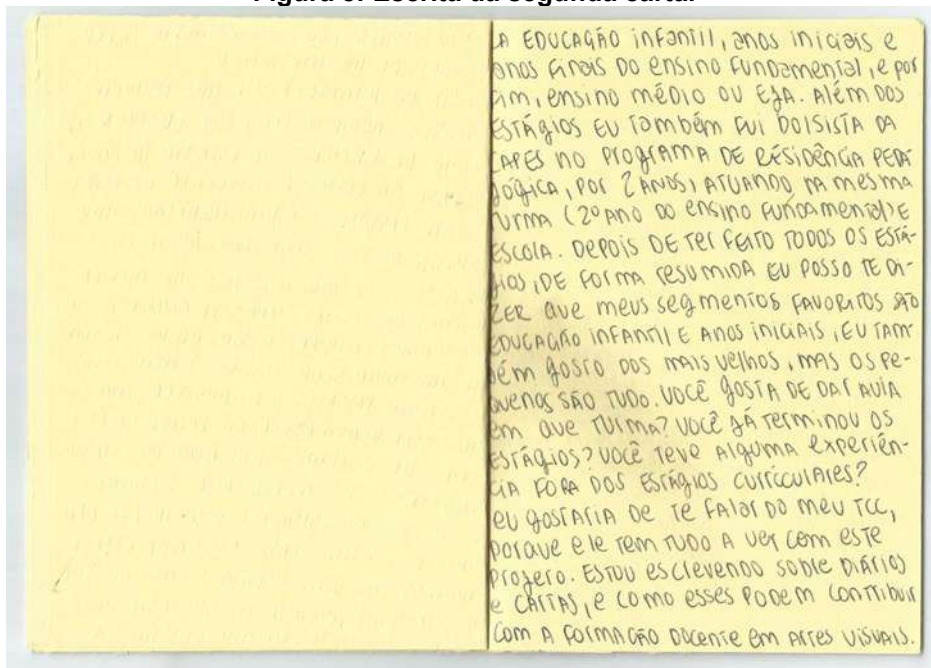
desta segunda carta, devido sua extensão optei por trazer somente algumas de suas páginas.

Figura 7: Escrita da segunda carta.



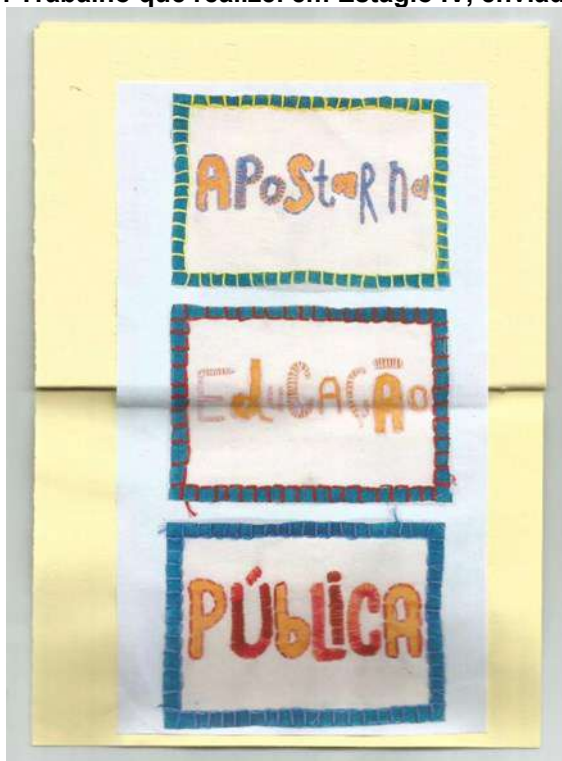
Fonte: Arquivo da autora, 2024.

Figura 8: Escrita da segunda carta.



Fonte: Arquivo da autora, 2024.

**Imagem 9: Trabalho que realizei em Estágio IV, enviado na carta.**



Fonte: Arquivo da autora, 2024.

Na escrita desta segunda carta, primeiramente respondi os questionamentos que me haviam sido feitos, assim falei sobre como me sinto em relação à São Paulo e Florianópolis, o que gosto de escutar, com que linguagens da arte me identifico, o que, ou quem, me motivou a cursar artes visuais e como o curso se desenvolve na UDESC, além disso, discorri acerca das minhas experiências de estágio e pesquisa de TCC.

No começo deste subtítulo, foi comentado acerca da importância que Paulo Freire (2015) atribuía ao exercício da escrita. Olho para aquilo que desenvolvi ao longo da graduação, e especialmente no projeto, “Trocas poético-pedagógicas: correspondências entre estudantes de Licenciatura em Artes Visuais da USP e da UDESC” e percebo tal fato. A escrita, no momento em que é praticada auxilia na sistematização do conhecimento e na autorreflexão, e com o passar do tempo, se transforma em um registro histórico, o qual pode (e deve) ser revisitado. É a partir deste processo de repensar que percebe-se o que permaneceu e o que foi alterado.

Ainda sobre a questão da escrita, Freire (1997, p. 7) afirma que

[...] o processo de escrever que me traz à mesa, com minha caneta especial, com minhas folhas de papel em branco e sem linhas, condição fundamental

para que eu escreva, começa antes mesmo que eu chegue à mesa, nos momentos em que atuo ou pratico ou em que sou pura reflexão em torno de objetos; continua quando, pondo no papel da melhor maneira que me parece os resultados provisórios, sempre provisórios, de minhas reflexões, continuo a refletir, ao escrever, aprofundando um ponto ou outro que me passara despercebido quando antes refletia sobre o objeto, no fundo, sobre a prática.

Assim, compreende-se que a escrita se inicia antes mesmo de palavras serem desenhadas sobre o papel, ou digitadas no computador e celular, esse processo tem seu começo nas reflexões que são geradas a partir da observação daquilo que ocorre na prática. Dessa forma, percebo que as cartas trocadas possibilitaram um espaço de troca entre pares, onde ao discorrer acerca daquilo que vivi dentro do espaço escolar, outras reflexões são agregadas ao modo como enxergo minha caminhada rumo a docência. Ou seja, é com a escrita que se tem a possibilidade de dar continuidade ao movimento de reflexão, e como Freire (1997) comenta, pode-se adentrar aquilo que talvez passasse despercebido se não houvesse tal registro.

## **5 DIÁLOGOS: AQUILO QUE SURGE COM A TROCA DE CORRESPONDÊNCIAS**

As cartas de artistas são importantes registros que possibilitam, a partir de sua leitura, um aprofundamento acerca das produções artísticas e uma aproximação com o cotidiano e contexto dos seus autores. Como visto nas cartas de Hélio Oiticica e Lygia Clark, a escrita íntima, que é característica desse suporte, releva questões pessoais, sentimentos, questionamentos e desabafos, o que não necessariamente diz acerca da pesquisa dos artistas, mas permite que o leitor adense sua percepção acerca de quem foi esse sujeito e sobre o tempo que este viveu.

A partir das experiências no projeto “Trocadas poético-pedagógicas: correspondências entre estudantes de Licenciatura de Artes Visuais da USP e da UDESC”, percebeu-se e vivenciou-se o tempo de espera de resposta de uma carta, que é alongado, diferente dos meios de comunicação atuais, de características imediatistas. A percepção sobre o tempo de trânsito e deslocamento das cartas, gerou a tentativa de escrever ao máximo, sem deixar nada escapar; ou seja, houve um pensamento reflexivo sobre o quê e como escrever.

No mundo contemporâneo, são utilizados *e-mails* e aplicativos de mensagem para a comunicação, nos quais não se tem muitas possibilidades para além do desenvolvimento de um texto (digitado) e o anexo de imagens ou documentos, mas

na carta que é enviada pelo correio, mesmo que esta tenha sido digitada, impressa e envelopada, abarca mais opções de troca porque permeia um espaço físico. No andamento do projeto nas aulas de estágio, diferentes elementos foram enviados pelos participantes junto de suas cartas, tais como desenhos, gravuras, fotografias, cerâmica, flores secas, pingentes, entre outros. Além disso, notou-se um cuidado com a escolha de um papel específico para comportar a escrita, bem como com a própria grafia das letras desenhadas no papel.

Assim, as cartas redigidas a mão revelaram o gesto da escrita, como um borrão de tinta, uma rasura, uma cor de caneta diferente, a caligrafia de cada um, e até a pressão despendida sobre o papel ao deslizar a caneta. Tudo isso, que não cabe em uma escrita digital, favorece uma aproximação entre as duas pessoas que se correspondem. São traços que revelam percepções além do que se quer dizer com as palavras.

Ao fim do projeto ficou nítida a potência existente na troca de correspondência na formação docente inicial. Conforme o projeto avançava, era discutido o seu andamento ao longo das aulas de Estágio Curricular. Com tais debates tornou-se visível que os estudantes ao terem a oportunidade de se corresponderem com outros professores em formação, encontraram um espaço onde tinham a possibilidade de trocar experiências vividas dentro da docência, referências artísticas e pedagógicas, compartilhar suas próprias pesquisas e a relação que estabelecem com a licenciatura, pontos importantes para reflexão acerca da própria formação como professor e artista.

Retomando a questão que este artigo busca discutir – *Como as cartas enquanto instrumento de registro podem auxiliar e potencializar o processo de formação docente inicial?* –, salienta-se que o ato de lembrar e refletir, proporcionados durante a escrita de uma carta, são potencializadores do desenvolvimento de uma formação docente consciente de seu contexto pedagógico. Por meio de cartas, é possível aprofundar questões que emergem da atuação docente desde os estágios curriculares, como os acontecimentos e dinâmicas da sala de aula, a atenção com o contexto da escola, o andamento das aulas, a preparação de planejamentos, a organização de práticas artísticas, o pensamento metodológico e muitos outros fatores, a depender da ênfase dada por aquele que realiza o exercício da escrita. No que tange a especificidade das Artes Visuais, os professores em formação podem realizar o encontro entre os processos artísticos e pedagógicos,

refletindo sobre as experiências da docência também por meio da visualidade. A partir dessas trocas de cartas, compreende-se a multiplicidade da realidade docente, os desafios, medos e incertezas que atravessam o exercício dessa profissão, mas também as alegrias e desejos existentes dentro do processo de se tornar professor e a certeza que não estamos sozinhos.

## REFERÊNCIAS

CAETANO, Renata Oliveira. Uma carta: desenho, escrita e construção de singularidades. **Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 34, p. 158-167, 18 dez. 2017. Centro de Letras e Artes - Universidade Federal do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.37235/ae.n34.14502>.

CLARK, Lygia. **1960 - Os Bichos [diário 4]**. 1960. Disponível em: <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/61798/1960-os-bichos-diario-4>. Acesso em: 09 set. 2024.

CLARK, Lygia. **Caminhando**. 1963a. Disponível em: <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/189/caminhando>. Acesso em: 30 set. 2024.

CLARK, Lygia. **Bichos vendidos em praça pública [diário 2]**. 1963b. Disponível em: <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/61942/bichos-vendidos-em-praca-publica-diario-2>. Acesso em: 19 set. 2024.

CLARK, Lygia. [Carta a Hélio Oiticica]. In: FIGUEIREDO, Luciano (org.). **Lygia Clark - Hélio Oiticica: cartas, 1964-74**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998a. p. 33-35.

CLARK, Lygia. [Carta a Hélio Oiticica]. In: FIGUEIREDO, Luciano (org.). **Lygia Clark - Hélio Oiticica: cartas, 1964-74**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998b. p. 56-64.

CLARK, Lygia. [Carta a Hélio Oiticica]. In: FIGUEIREDO, Luciano (org.). **Lygia Clark - Hélio Oiticica: cartas, 1964-74**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998c. p. 177-182.

COUTINHO, Rejane G.. A formação de professores de Arte. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudanças no ensino de arte**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 171-178.

FIGUEIREDO, Luciano (org.). **Lygia Clark - Hélio Oiticica: Cartas, 1964-74**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Editora Olho D'água, 1997.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

OITICICA, Hélio. [Carta à Lygia Clark]. In: FIGUEIREDO, Luciano (org.). **Lygia Clark - Hélio Oiticica**: cartas, 1964-74. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998a. p. 172-176

OITICICA, Hélio. [Carta à Lygia Clark]. In: FIGUEIREDO, Luciano (org.). **Lygia Clark - Hélio Oiticica**: cartas, 1964-74. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998b. p. 197-206.

SALLES, Cecilia Almeida. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. 1. ed. São Paulo: Annablume, 1998.

SILVA, T. G.; WOSNIAK, F. Diário de Artista: Estudos sobre o Processo Criativo. In: JORNADA DE PESQUISA PPG IA UNESP, 2015, São Paulo. **Anais**. São Paulo, 2015. p. 211 - 220.

TAVORA, Maria Lancastre e. **A Carta como objeto pedagógico**. 2022. 93 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação Artística, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2022.

VIEIRA, Adriano. Cartas Pedagógicas. In: STRECK, Danilo R. *et al* (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 65-66.